



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ÀS MÃES ATÍPICAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISMO

 <https://doi.org/10.56238/levv16n48-099>

Data de submissão: 30/04/2025

Data de publicação: 30/05/2025

Joyce Aparecida de Oliveira

Graduanda em enfermagem

Instituição: Centro Universitário Piaget.

E-mail: joyceenfl408@gmail.com

Beatriz Cavalcanti Pereira

Graduanda em enfermagem

Instituição: Centro Universitário Piaget.

E-mail: Beatrizcpbia@gmail.com

Gislene França Faggionato Moreira

Graduanda em enfermagem

Instituição: Centro Universitário Piaget.

E-mail: gisleneffaggionato@hotmail.com

Joel Levi Ferreira Franco

Mestre em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no SUS

Instituição: Universidade de São Paulo- USP

E-mail: levifranco50@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2234720828480646>

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desafio para muitas famílias, principalmente para as mães, que frequentemente assumem o papel de cuidadoras principais. O TEA exige adaptações emocionais, sociais e práticas que podem afetar diretamente a qualidade de vida dessas mulheres. Este trabalho teve como finalidade compreender o papel da enfermagem no suporte às mães de crianças diagnosticadas com TEA, identificando as demandas enfrentadas, a importância da atuação do enfermeiro e as estratégias disponíveis para garantir um cuidado mais humanizado e eficaz. Por meio de uma revisão bibliográfica, foram analisadas produções científicas publicadas entre 2019 e 2024, selecionadas em bases de dados como SciELO, PubMed, MEDLINE e LILACS. A pesquisa evidenciou que as mães enfrentam sobrecarga física e emocional, isolamento social e dificuldades no acesso a serviços de saúde e apoio psicológico. A enfermagem, por sua vez, possui um papel central na escuta ativa, na orientação e na articulação com outros profissionais da saúde, oferecendo ferramentas como oficinas educativas, protocolos de acolhimento e suporte emocional. A sistematização do cuidado e a individualização das ações são fundamentais para promover a qualidade de vida dessas mães. Verificou-se que os objetivos propostos neste artigo foram alcançados, reforçando a necessidade de ampliar a atuação da enfermagem de forma integral e sensível às particularidades da maternidade atípica.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Maternidade atípica. Enfermagem. Cuidado humanizado. Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sinais podem variar significativamente em intensidade, abrangendo desde dificuldades leves na socialização até compromissos graves na linguagem, cognição e comportamento, o que justifica a utilização do termo "espectro" (Vianna *et al.*, 2023). Geralmente, esses sintomas se manifestam nos primeiros anos de vida, exigindo atenção precoce para melhorar o desenvolvimento da criança.

O diagnóstico do TEA é essencialmente clínico, baseado nos critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que considera a observação direta do comportamento, relatos dos cuidadores e avaliações multidisciplinares. Instrumentos como a *Autism Diagnostic Observation Schedule* (ADOS), a *Autism Diagnostic Interview-Revised* (ADI-R) e escalas comportamentais são amplamente utilizados para confirmar o diagnóstico, permitindo uma análise mais precisa dos déficits comportamentais (Arvigo; Schwartzman, 2022; Fialho *et al.*, 2024). No Brasil, a prevalência de TEA segue uma tendência global de crescimento, semelhante à dos Estados Unidos, com dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) indicando uma média de 1 em cada 36 crianças diagnosticadas. Esse dado reflete a necessidade de políticas públicas mais abrangentes (Silva *et al.*, 2024).

Além dos fatores genéticos, aspectos biológicos, como deficiências nutricionais durante a gestação, têm sido associados ao desenvolvimento do TEA. A deficiência de vitamina D no período gestacional, por exemplo, foi identificada como um possível fator de risco para o surgimento do transtorno, ressaltando a importância de intervenções precoces (Batista *et al.*, 2024; Camelo *et al.*, 2022). Além disso, o diagnóstico precoce, geralmente realizado entre os 18 e 36 meses, é fundamental para maximizar as oportunidades de intervenção, reduzindo os impactos no desenvolvimento social e cognitivo (Arvigo e Schwartzman, 2022).

As mães, frequentemente as principais cuidadoras, enfrentam inúmeros desafios físicos e emocionais ao lidar com as demandas intensas do cuidado diário, acumulando atividades no gerenciamento das necessidades de seus filhos, essas mulheres muitas vezes enfrentam sentimentos de isolamento, sobrecarga psicológica e incertezas quanto ao futuro de suas famílias (Izidoro *et al.*, 2024). Essa realidade exige um cuidado integral, que considere não apenas o bem-estar da criança, mas também o apoio contínuo às mães, incluindo estratégias de acolhimento e suporte emocional.

A assistência de enfermagem surge como um elemento essencial nesse contexto, oferecendo não apenas cuidados técnicos, mas também uma escuta ativa e acolhedora. O enfermeiro desempenha um papel central na mediação de conflitos emocionais, na orientação sobre práticas de saúde e no incentivo ao autocuidado, promovendo uma melhor adaptação à rotina de cuidados (Izidoro *et al.*,

2024). Além disso, a enfermagem pode atuar como um elo entre as mães e os serviços de saúde, promovendo a criação de redes de apoio e fortalecendo a resiliência familiar.

Diante disso, este estudo tem como objetivo compreender a função do enfermeiro no suporte às mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Além disso, busca examinar as demandas enfrentadas pelas famílias, avaliar a importância da atuação da enfermagem nesse contexto e identificar as ferramentas disponíveis que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dessas mães no cotidiano de cuidado.

2 METODOLOGIA

Para compreender a atuação da enfermagem no apoio às mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi realizada uma revisão bibliográfica, que permitiu identificar, selecionar e interpretar estudos já publicados sobre o tema. Essa abordagem é fundamental para sintetizar as evidências disponíveis e apoiar a formulação de novas reflexões e intervenções na prática clínica (Lakatos; Marconi 2017). O foco foi reunir informações que abordassem não apenas os aspectos técnicos do cuidado, mas também os desafios emocionais e sociais enfrentados por essas mães.

As buscas ocorreram entre fevereiro e março de 2025, utilizando as bases *SciELO*, *PubMed*, *LILACS* e *MEDLINE*, com os descritores "Enfermeiro", "Autistas", "Mães" e "Assistência de Enfermagem", combinados por operadores booleanos para ampliar a abrangência dos resultados. Os critérios de inclusão abrangearam artigos completos publicados entre 2019 e 2025, em português, espanhol ou inglês, que tratassesem especificamente da atuação do enfermeiro junto às mães de crianças com TEA. Foram excluídos os estudos que se concentravam exclusivamente nas características clínicas do transtorno, sem relação direta com a prática de enfermagem.

Ao todo, foram identificados 60 artigos. Após a leitura dos títulos e resumos, 20 foram considerados pertinentes aos critérios de inclusão, dos quais 15 foram selecionados após leitura completa, por abordarem diretamente os objetivos da pesquisa. Os dados foram organizados de forma sistemática para facilitar a análise das contribuições, destacando metodologias e principais resultados. A Tabela 1 apresenta essa síntese, permitindo uma visão clara das abordagens investigadas.

Tabela 1 – Caracterização dos Estudos Selecionados sobre Assistência de Enfermagem às Mães de Crianças com TEA (2019-2025)

Autor(es)	Ano	Título	Metodologia	Principais Resultados
Arvigo, M. e Schwartzman, J.	2022	Diminuição dos principais sinais de TEA em crianças com diagnóstico precoce	Revisão de literatura	Identificou que o diagnóstico precoce melhora os resultados terapêuticos e reduz a intensidade dos sintomas do TEA.
Batista, C., Borges, D., Meireles, I., Hott, M.	2024	A deficiência de vitamina D durante o período gestacional como fator relevante para o desenvolvimento do espectro autista (TEA)	Estudo transversal	Apontou que baixos níveis de vitamina D durante a gestação podem aumentar o risco de desenvolvimento do TEA.



Izidoro, B., Lopes, L., Soares, J.	2024	A maternidade e os desafios nos cuidados da criança com espectro autista sob o olhar da enfermagem	Estudo qualitativo	Revelou que a sobrecarga emocional das mães é um fator crítico e que a escuta ativa do enfermeiro pode reduzir esse impacto.
Silva, L., Guimarães, I., Holanda, B., Machado, K., Barbosa, B., Moura, D., Borges, J.	2024	Abordando desafios na identificação e intervenção precoce do transtorno do espectro autista	Revisão narrativa	Destacou a importância da capacitação profissional para o diagnóstico precoce e intervenções efetivas.
Vianna, G., Santos, M., Cavichini, P., Martins, V.	2023	Transtornos do espectro autista ao longo do desenvolvimento humano	Estudo de coorte	Demonstrou que o acompanhamento contínuo desde a infância melhora a qualidade de vida das crianças e de suas famílias.

Fonte: Autoria própria.

Os dados sintetizados na Tabela 1 evidenciam as principais estratégias de cuidado e desafios enfrentados pelas mães de crianças com TEA. Essa sistematização facilitou a identificação de boas práticas e lacunas na assistência, permitindo uma análise mais precisa sobre o papel do enfermeiro na promoção do bem-estar dessas mães.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 AS DEMANDAS DAS MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O diagnóstico de TEA representa uma mudança drástica na vida das famílias, especialmente na rotina das mães, que geralmente assumem o papel principal no cuidado da criança. Este diagnóstico exige uma reorganização da vida cotidiana, da dinâmica familiar e das relações sociais, o que pode gerar inseguranças e angústias profundas. A ausência de informações claras e o desconhecimento sobre o transtorno são elementos que agravam esse cenário, tornando o início da jornada materna atípica ainda mais desafiador (Arruda, 2023).

Entre os maiores desafios enfrentados por essas mães está a sobrecarga emocional. A necessidade constante de atenção e cuidado com a criança, aliada às dificuldades de comunicação e comportamentos repetitivos, pode gerar altos níveis de estresse e ansiedade. Muitas mães se sentem emocionalmente exaustas, especialmente quando não possuem uma rede de apoio consistente que contribua com o cuidado diário da criança com TEA (Santos *et al.*, 2024).

Além do aspecto emocional, há o impacto físico considerável. A rotina com uma criança autista pode incluir noites mal dormidas, episódios de crises intensas e deslocamentos frequentes para terapias e consultas especializadas. Esse conjunto de exigências acaba levando essas mães ao esgotamento físico e, em muitos casos, a quadros clínicos de exaustão e doenças psicossomáticas (Izidoro, Lopes; Soares 2024). A maternidade atípica também afeta profundamente o aspecto social. Muitas mães relatam o isolamento, seja por se afastarem de seus círculos sociais, seja por enfrentarem o preconceito e a falta de compreensão da sociedade diante do comportamento de seus filhos. A ausência de espaços

acolhedores e adaptados para crianças com TEA impede a convivência social plena, limitando ainda mais o acesso dessas mulheres a momentos de lazer e interação (Ponte *et al.*, 2022).

Outro fator relevante diz respeito ao impacto financeiro. O tratamento e acompanhamento de uma criança com TEA geralmente envolvem múltiplas terapias, como fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, entre outras, que nem sempre são oferecidas pelo sistema público de saúde ou possuem vagas disponíveis. Com isso, muitas mães precisam deixar o emprego para cuidar dos filhos, o que agrava a instabilidade financeira da família (Su; Silva; Barbosa 2023).

A maternidade atípica exige ainda muita resiliência e capacidade de adaptação. Muitas mães precisam aprender, por conta própria, sobre o transtorno e como lidar com os comportamentos desafiadores de seus filhos. Essa busca por conhecimento e estratégias efetivas de cuidado representa um esforço diário de superação, que muitas vezes é invisibilizado pela sociedade (Bulhões *et al.*, 2023). O sofrimento emocional também está atrelado à culpa, ao medo do futuro e às expectativas frustradas. Muitas mães convivem com sentimento de impotência, dúvidas sobre seu desempenho como cuidadoras e preocupações constantes sobre o que acontecerá com seus filhos quando elas não estiverem mais presentes. Tais emoções, se não trabalhadas adequadamente, podem desencadear quadros de depressão e ansiedade severos (Arruda, 2023).

Apesar desses inúmeros desafios, estudos indicam que o autocuidado e o suporte emocional são fundamentais para que essas mães possam desempenhar melhor seu papel. A prática de atividades prazerosas, momentos de descanso e o acesso a grupos de apoio emocional são estratégias que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dessas mulheres, embora muitas vezes sejam negligenciadas diante das exigências do cuidado materno (Santos *et al.*, 2024).

Compreender a complexidade das demandas enfrentadas por essas mães é essencial para que os profissionais da saúde, especialmente da enfermagem, possam atuar de forma sensível, acolhedora e eficiente. Reconhecer que essas mulheres também precisam de cuidado é o primeiro passo para promover ações que fortaleçam sua saúde mental, emocional e física, contribuindo para um ambiente familiar mais equilibrado e saudável (Izidoro; Lopes; Soares 2024).

Outro aspecto importante é o impacto na identidade pessoal dessas mães. Muitas delas relatam que, após o diagnóstico do filho, sua vida passou a girar exclusivamente em torno do cuidado da criança, levando à perda da própria individualidade. O sentimento de deixar de ser mulher, profissional ou parceira para assumir unicamente o papel de cuidadora é recorrente e pode gerar um senso de esvaziamento pessoal e social, comprometendo a autoestima e o senso de pertencimento (Ponte ; Araujo 2022).

As mães atípicas também enfrentam dificuldades em relação ao acesso à informação de qualidade sobre o TEA. A carência de orientações claras no momento do diagnóstico e a dificuldade em compreender os caminhos terapêuticos disponíveis fazem com que muitas se sintam desamparadas

no início da jornada. Esse desconhecimento inicial, aliado à complexidade do transtorno, amplia a ansiedade e pode levar a decisões equivocadas ou baseadas em informações não confiáveis (Su; Silva; Barbosa 2023).

A insegurança diante das decisões do cotidiano, como a escolha da escola, o enfrentamento de crises comportamentais ou a comunicação com profissionais da saúde, também pesa sobre essas mulheres. O medo de errar, de prejudicar o desenvolvimento do filho ou de ser julgada pela sociedade reforça sentimentos de culpa e solidão. A ausência de políticas públicas direcionadas à orientação e suporte das mães agrava esse cenário e limita as possibilidades de enfrentamento saudável (Bulhões *et al.*, 2023).

3.2 A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO APOIO À MÃE ATÍPICA

A enfermagem tem um papel essencial na assistência às mães de crianças com TEA, especialmente por sua abordagem centrada no cuidado integral. O enfermeiro, por estar presente em diferentes níveis da atenção à saúde, é capaz de estabelecer vínculos de confiança com essas mães, ouvindo suas angústias e oferecendo orientações relevantes que ultrapassam o campo clínico. Essa escuta qualificada possibilita o acolhimento das emoções maternas e promove a construção de um espaço de segurança emocional (Su; Silva; Barbosa, 2023).

A presença da enfermagem no cotidiano dessas mães é importante para garantir o acompanhamento contínuo e humanizado, especialmente diante da sobrecarga que a maternidade atípica impõe. O enfermeiro atua como um agente facilitador entre as mães e os serviços de saúde, promovendo não apenas cuidados à criança, mas também atenção voltada ao bem-estar da cuidadora. Essa atuação pode contribuir para a redução do estresse e para a melhoria da qualidade de vida familiar (Bulhões *et al.*, 2023).

Além do acolhimento emocional, a enfermagem contribui com a educação em saúde, oferecendo informações sobre o TEA, manejo de comportamentos e possibilidades terapêuticas. Esse processo educativo ajuda a mãe a compreender melhor as necessidades do filho, tornando mais segura em suas ações cotidianas e fortalecendo sua autonomia no cuidado. O conhecimento compartilhado pelo profissional de enfermagem pode ser um recurso poderoso para reduzir a ansiedade e o medo frente aos desafios diárioss (Felipe *et al.*, 2024).

A atuação da enfermagem também envolve o reconhecimento das "cargas invisíveis" enfrentadas por essas mães, como o cansaço emocional, a ausência de apoio e a sobreposição de funções. Ao perceber esses aspectos subjetivos do cuidado materno, o enfermeiro pode promover estratégias de enfrentamento mais saudáveis, respeitando os limites e a singularidade de cada mulher. Esse olhar sensível é essencial para humanizar o cuidado e evitar o adoecimento psíquico das cuidadoras (Ribeiro; Massalai 2024).

Muitas mães relatam que só encontram espaço para falar sobre si mesmas durante atendimentos com profissionais da enfermagem. Esse momento de escuta é uma oportunidade única para que a mãe se sinta vista e acolhida, o que contribui para o fortalecimento de sua autoestima e de sua identidade fora do papel de cuidadora. Essa valorização da mulher como sujeito de cuidado é uma das principais contribuições da enfermagem nesse contexto (Ponte; Araujo, 2022). Cabe à enfermagem, ainda, identificar sinais de sofrimento psíquico e encaminhar essas mães para serviços especializados, como psicologia e psiquiatria, sempre que necessário. A intersetorialidade é fundamental nesse processo, garantindo que o cuidado à mãe seja articulado com outros profissionais da saúde e da assistência social. O enfermeiro atua, assim, como elo entre as necessidades da família e os recursos disponíveis na rede (Nascimento *et al.*, 2022).

É importante destacar que a atuação da enfermagem deve ser fundamentada em princípios éticos e no respeito à dignidade da mulher. Cada mãe vivencia o TEA do filho de forma singular, e por isso as intervenções devem ser personalizadas, levando em conta aspectos culturais, emocionais e socioeconômicos. O cuidado empático é o que torna a ação da enfermagem realmente transformadora (SU; Silva; Barbosa, 2023).

A formação do enfermeiro para atuar com famílias atípicas deve incluir, além do conhecimento técnico sobre o TEA, competências relacionais e emocionais. A escuta ativa, a comunicação clara e o acolhimento são habilidades indispensáveis nesse contexto. Investir na capacitação dos profissionais de enfermagem é uma estratégia necessária para ampliar o alcance e a qualidade do cuidado prestado às mães de crianças com autismo (Felipe *et al.*, 2024).

É preciso considerar que o cuidado à mãe cuidadora não é um ato isolado, mas parte de um processo contínuo de apoio e acompanhamento. A enfermagem pode atuar como pilar desse processo, promovendo saúde, autonomia e qualidade de vida para a mulher. Reconhecer a importância dessa atuação é fundamental para a construção de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às realidades das famílias de crianças com TEA (Nascimento *et al.*, 2022).

A prática da enfermagem voltada para mães atípicas, deve considerar não apenas o acolhimento individual, mas também a criação de espaços coletivos de apoio. Grupos terapêuticos e rodas de conversa organizados em unidades de saúde podem proporcionar momentos de partilha entre mães que vivenciam desafios semelhantes. Essas estratégias contribuem para a redução do sentimento de solidão, promovem o fortalecimento de vínculos e ampliam a sensação de pertencimento social, elementos fundamentais para o bem-estar emocional dessas mulheres (Bulhões *et al.*, 2023).

Além disso, é papel do enfermeiro atuar na sensibilização de outros profissionais de saúde quanto às especificidades do cuidado à mãe atípica. Ao fomentar a empatia e o respeito nos ambientes clínicos e institucionais, o enfermeiro contribui para a construção de uma rede de atendimento mais

acolhedora e eficiente. A atuação articulada e humanizada da equipe multiprofissional melhora a experiência da mãe nos serviços de saúde e reduz barreiras ao cuidado contínuo (Felipe *et al.*, 2024).

A enfermagem também pode ser protagonista na implementação de projetos de educação permanente em saúde que envolvam temas como parentalidade atípica, saúde mental materna e inclusão social. Essas ações formativas ajudam a construir um novo olhar sobre o cuidado, valorizando a diversidade das experiências maternas e fomentando práticas baseadas em evidências, sensibilidade e respeito (Nascimento *et al.*, 2022).

3.3 FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS DE ENFERMAGEM PARA A QUALIDADE DE VIDA DAS MÃES

A atuação da enfermagem junto às mães de crianças com TEA deve ir além das orientações técnicas, incorporando ferramentas práticas que promovam o acolhimento integral. Uma dessas ferramentas é a escuta ativa, que permite ao profissional conhecer as reais necessidades da mãe e oferecer um cuidado mais direcionado. Criar espaços seguros para essa escuta nos serviços de saúde é uma ação estratégica que fortalece o vínculo e proporciona suporte emocional significativo (Santos *et al.*, 2024).

Outra estratégia essencial é a implantação de protocolos de acolhimento específicos para mães atípicas, considerando as particularidades emocionais e sociais que envolvem esse cuidado. A padronização desses protocolos ajuda a garantir que as mães recebam uma abordagem humanizada desde o primeiro contato com o sistema de saúde, contribuindo para uma experiência mais positiva e fortalecedora (Izidoro; Lopes; Soares 2024).

As oficinas educativas também representam uma ferramenta eficaz no empoderamento das mães, especialmente quando abordam temas como autocuidado, manejo do estresse e estratégias de enfrentamento. Essas ações educativas, mediadas por profissionais de enfermagem, permitem que as mães se sintam mais seguras e preparadas para lidar com os desafios do cotidiano com seus filhos (Ribeiro; Massalai, 2024).

O cuidado compartilhado com equipes multiprofissionais é outra estratégia que amplia a abrangência e a eficácia da assistência. A articulação entre enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e assistentes sociais garante que a mãe receba um suporte integral e contínuo, que atenda não apenas às demandas físicas, mas também às emocionais e sociais (Bulhões *et al.*, 2023).

Com o avanço da tecnologia, o uso de recursos digitais também tem se mostrado uma alternativa viável. Aplicativos de monitoramento de rotina, grupos de apoio online e canais de orientação virtual podem complementar a assistência presencial e oferecer suporte contínuo, especialmente para mães que não têm acesso facilitado aos serviços presenciais. A enfermagem pode

atuar orientando e mediando o uso seguro e eficaz dessas ferramentas (Felipe *et al.*, 2024). A sistematização da assistência de enfermagem, por meio do Processo de Enfermagem (PE), é outra estratégia fundamental. Ao elaborar diagnósticos, intervenções e resultados individualizados, o enfermeiro consegue oferecer um cuidado mais eficiente e sensível às necessidades de cada mãe, promovendo um ambiente de segurança e acolhimento (Santos *et al.*, 2024).

É importante destacar a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de enfermagem sobre o TEA e suas implicações familiares. A formação técnica aliada ao desenvolvimento de competências emocionais e comunicativas é essencial para que o enfermeiro atue com empatia, escuta e atitude propositiva, impactando positivamente a vida das mães cuidadoras (Izidoro; Lopes; Soares, 2024). As ações de enfermagem devem considerar ainda a singularidade das vivências de cada mãe. Respeitar os contextos sociais, culturais e subjetivos é uma estratégia de cuidado centrado na pessoa, que evita generalizações e promove intervenções mais assertivas. Isso inclui reconhecer o protagonismo da mãe em seu processo de cuidado e valorizar sua experiência como fonte legítima de saber (Ponte; Araujo, 2022).

A atuação da enfermagem deve ser orientada para a construção de redes de apoio comunitário, que possibilitem o compartilhamento de experiências entre mães e o fortalecimento da solidariedade. Grupos de apoio, promovidos ou mediados por enfermeiros, oferecem não apenas informações, mas também acolhimento e pertencimento, contribuindo para a saúde mental e o bem-estar das mães atípicas (Felipe *et al.*, 2024).

A atuação da enfermagem também pode ser fortalecida por meio de intervenções baseadas em escuta qualificada e acolhimento emocional em visitas domiciliares. Muitas mães de crianças com TEA enfrentam dificuldades de deslocamento e preferem receber suporte em seus próprios lares, onde se sentem mais confortáveis e seguras para compartilhar suas vivências. A visita domiciliar proporciona uma avaliação mais completa do ambiente familiar, permitindo ao enfermeiro identificar necessidades que, por vezes, não seriam percebidas em atendimentos ambulatoriais (Santos *et al.*, 2024).

Outra estratégia relevante é a construção de planos de cuidado interativos, desenvolvidos junto com as mães, que estimulem a corresponsabilidade no processo de atenção à saúde. Ao incluir as mães na tomada de decisões, o enfermeiro fortalece o vínculo e promove maior adesão às orientações. Esse tipo de cuidado compartilhado reconhece a mãe como sujeito ativo e essencial no processo terapêutico, valorizando suas opiniões e experiências no cotidiano com a criança (Izidoro; Lopes; Soares, 2024).

A criação de materiais educativos acessíveis e contextualizados também é uma ferramenta importante. Cartilhas, vídeos explicativos e podcasts com linguagem simples e sensível ao contexto das mães podem contribuir significativamente para a disseminação de informações sobre o TEA e os cuidados com a criança. A enfermagem pode liderar a produção e distribuição desses conteúdos, promovendo educação em saúde de forma mais inclusiva e contínua (Ribeiro; Massalai, 2024).



4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a função da enfermagem no suporte às mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, respondendo à necessidade de atenção voltada não apenas à criança, mas também à figura materna, que frequentemente assume a centralidade dos cuidados. A partir dessa perspectiva, buscou-se responder à pergunta sobre como a enfermagem pode atuar de forma efetiva na melhoria da qualidade de vida dessas mães. A análise permitiu constatar que, embora existam desafios significativos, a enfermagem possui recursos e práticas que podem ser implementados para atender a essa demanda de forma humanizada e eficiente.

No desenvolvimento do trabalho, foi possível compreender a complexidade das demandas enfrentadas pelas mães atípicas. Elas lidam diariamente com sobrecarga emocional, física, social e, muitas vezes, financeira. Essas dificuldades impactam diretamente sua saúde e bem-estar. Ao se aprofundar nesse contexto, ficou evidente que a visibilidade dessas mães e o reconhecimento de suas necessidades são fundamentais para a construção de estratégias de cuidado mais sensíveis e eficazes.

Ao analisar a atuação da enfermagem, observou-se que o enfermeiro é um profissional chave para promover acolhimento, orientação e encaminhamento. Sua presença pode amenizar o sofrimento emocional das mães, além de contribuir para o fortalecimento de sua autonomia e autoestima. A escuta ativa, a empatia e a capacitação contínua são elementos que potencializam essa atuação e reforçam a importância da presença da enfermagem no acompanhamento dessas famílias.

Também foram discutidas ferramentas e estratégias que a enfermagem pode adotar para melhorar a qualidade de vida das mães, como protocolos de acolhimento, oficinas educativas, parcerias com equipes multiprofissionais e uso de tecnologias. Tais iniciativas, quando implementadas com sensibilidade e planejamento, tornam a assistência mais eficaz e fortalecem a rede de apoio necessária para essas mulheres. A sistematização do cuidado e o respeito às individualidades são essenciais para garantir um suporte real e transformador.

Dessa forma, conclui-se que os objetivos propostos neste trabalho foram alcançados. Foi possível compreender as dificuldades enfrentadas pelas mães, identificar a importância da enfermagem como suporte e reconhecer estratégias que podem ser adotadas na prática assistencial. O estudo reafirma a relevância de ampliar o olhar sobre as mães de crianças com TEA, inserindo suas necessidades no planejamento do cuidado em saúde. Com isso, reforça-se a necessidade de políticas públicas e formações específicas que assegurem uma atuação de enfermagem mais preparada, acolhedora e comprometida com o bem-estar dessas mulheres.



REFERÊNCIAS

ARRUDA, Thamires Ester Alves de. Estratégias de autocuidado praticadas por mães de crianças com transtorno de espectro autista. 39 f. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

ARVIGO, M.; SCHWARTZMAN, J. Diminuição dos principais sinais de tea em crianças com diagnóstico precoce. *Revista Neurociências*, v. 30, p. 1-30, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/rnc.2022.v30.13296>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BATISTA, C.; BORGES, D.; MEIRELES, I.; HOTT, M. A deficiência de vitamina d durante o período gestacional como fator relevante para o desenvolvimento do espectro autista (tea). *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 2, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.61164/rmmn.v2i1.2159>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BULHÕES, Thaynara Maria Pontes et al. A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com Transtorno do Espectro Autista. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*, p. 12213-12213, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/21755361.rpcfo.v15.12213>. Acesso em: 09 dez. 2023.

CAMELO, F.; CARNEIRO, R.; MATOS, R.; CAVALCANTE, E.; BATISTA, N. Diagnóstico e tratamento do transtorno do espectro autista. *Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar*, v. 3, n. 7, e371619, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i7.1619>. Acesso em: 22 abr. 2025.

FELIPE, Vanessa Cristina Fulgencio Ferreira et al. Mãe atípica no cuidado da criança com transtorno do espectro autista na perspectiva da enfermagem. *Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem*, v. 14, n. 42, p. 722-733, 2024.

FIALHO, A.; VASCONCELOS, A.; SOUSA, R. Analysis of the diagnosis of autistic spectrum disorder using scales and other diagnostic tools: an integrative review. *Revista Ibero-Americana de Humanidades Ciências e Educação*, v. 10, n. 1, p. 830-854, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i1.12968>. Acesso em: 22 abr. 2025.

IZIDORO, B.; LOPES, L.; SOARES, J. A maternidade e os desafios nos cuidados da criança com espectro autista sob o olhar da enfermagem. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 7, n. 14, e141143, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.1143>. Acesso em: 22 abr. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NASCIMENTO, Elaine Legal et al. Capítulo II-a atuação da enfermagem no cuidado com a criança com transtorno do espectro autista (TEA). AMPLAMENTE, p. 34, 2022.

PONTE, Amélia Belisa Moutinho da; ARAUJO, Lucivaldo da Silva. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista do NUFEN*, v. 14, n. 2, p. 115, 2022.

RIBEIRO, Caroline Firmo Alamino; MASSALAI, Renata. Cargas invisíveis: o desafio das mães nos cuidados de crianças com transtorno do espectro do autismo. *Revista IberoAmericana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 12, p. 43-66, 2024.

SANTOS, Eloisa de Jesus et al. Percepção dos familiares de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sobre do papel da enfermagem: Um relato de experiência. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 10, p. e57131047078-e57131047078, 2024.



SILVA, L.; GUIMARÃES, I.; HOLANDA, B.; MACHADO, K.; BARBOSA, B.; MOURA, D.; BORGES, J. Abordando desafios na identificação e intervenção precoce do transtorno do espectro autista. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 5, p. 124-134, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n5p124-134>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SU, Karina Wanyan; SILVA, Thawanne Mirela Barros; BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes. Transtorno do espectro autista: lidando com os comportamentos-problema: uma guia para pais e cuidadores. 2023.

VIANNA, G.; SANTOS, M.; CAVICHINI, P.; MARTINS, V. Transtornos do espectro autista ao longo do desenvolvimento humano. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 6, n. 5, p. 19571-19580, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n5-010>. Acesso em: 22 abr. 2025.